

Estudante quer policiamento

Taguatinga — A insegurança dos alunos das escolas-classe 53, 55 e 56 e do Centro de Ensino 17, não se restringe aos choques elétricos. A falta de policiamento ainda assusta estudantes, professores e servidores, apesar da presença de um policial militar na porta dos colégios. Ontem, o professor José Luiz foi intimidado por três desocupados que invadiram a escola durante o horário de aulas. Ele só conseguiu se livrar dos importunadores, que faziam gracejos para algumas alunas, depois de muita conversa.

Situações desse tipo se não chegam a ser muito comuns, também não são pouco frequentes. Na EC 53, um adolescente invadiu uma sala de aula à procura de uma lata de cola de sapateiro escondida junto ao teto. Depois de controlar o pânico dos alunos, a professora foi obrigada a ter calma suficiente para esperar que o produto, largamente consumido naquele setor, fosse encontrado para dar continuidade às aulas.

Furtos — Além das dificuldades com a reposição do material danificado, as escolas se vêm às voltas com outro problema: o furto de componentes elétricos, hidráulicos, material de limpeza, alimentos e objetos pessoais de professores. A explicação vem da fragilidade do material empregado na construção das escolas, facilmente depredado pelos delinquentes e que não opõe qualquer resistência à entrada na escola, geralmente feita através do teto. Nos quatro colégios, praticamente não existem lâmpadas e torneiras.

A falta de um muro na Escola-Classe 56, impede, por exemplo, a realização de aulas de Educação Física ou qualquer outra prática que necessite de um espaço maior. A área externa da escola permite o acesso da comunidade e os alunos são frequentemente molestados por desocupados.